

Pioneiras em quase tudo

Quadras abrigaram os primeiros militares e funcionários. Primeira Cúria Metropolitana e o primeiro HFA. E também a casa de Niemeyer

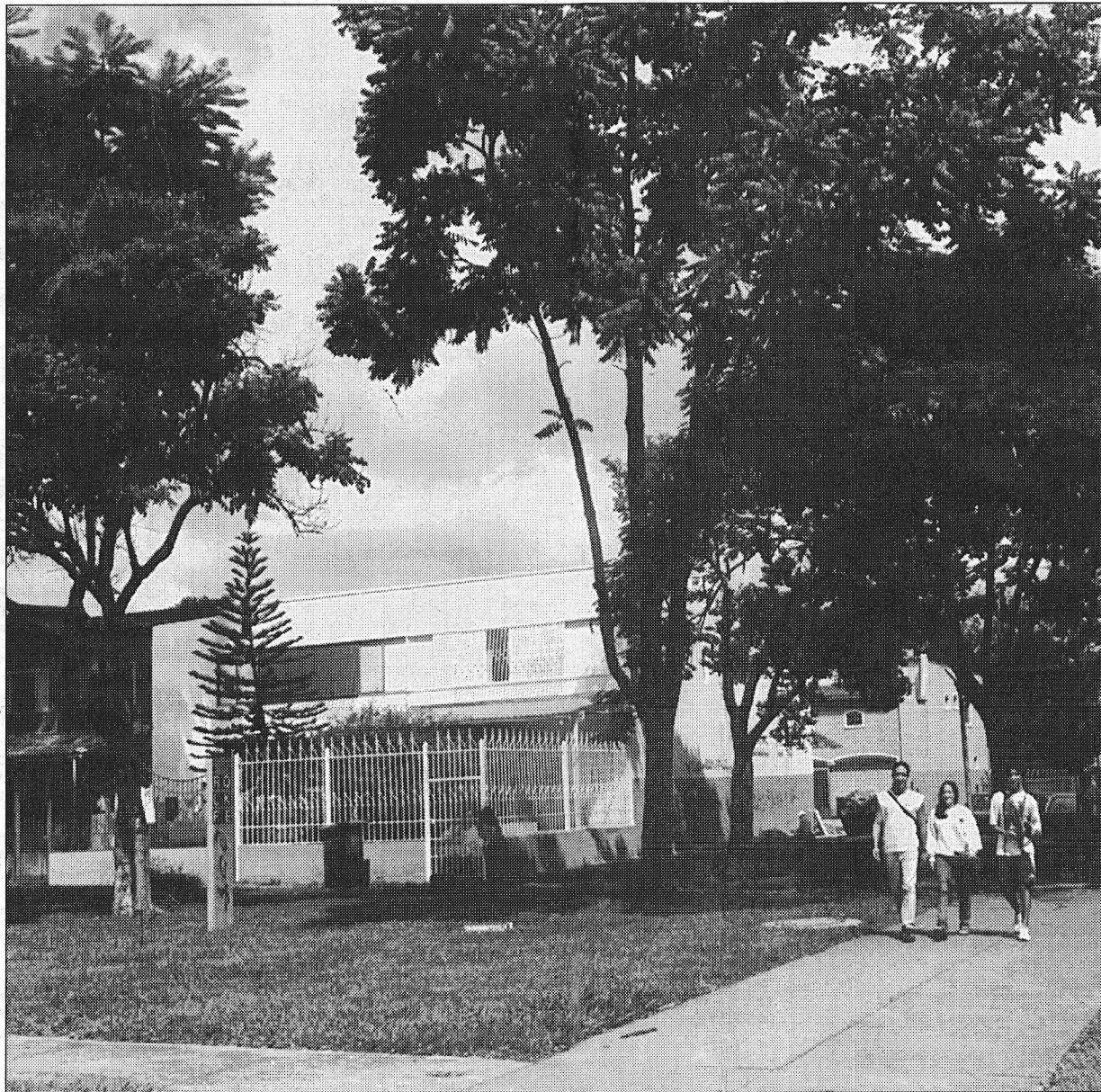
Não há disputa por antiguidade. As duas quadras — 707 e 708 Sul — foram construídas ao mesmo tempo. As primeiras casas ficaram prontas um pouco antes da inauguração de Brasília, em 1960, e abrigaram os que chegaram na frente para fazer funcionar a capital. Entre as duas, apenas a Praça e o Jardim de Infância 21 de Abril.

Por ali se instalaram militares, funcionários do Senado, Novacap e de outros órgãos do governo. O próprio Oscar Niemeyer morou na 707, na casa 48 do bloco “P”, contam os vizinhos mais antigos. Na mesma rua de Niemeyer, relembra Renato Medeiros (morador há 39 anos na 707), três casas eram utilizadas pelo Hospital das Forças Armadas (HFA), que montou na quadra a sua primeira base em Brasília. Hoje, o hospital funciona em uma área grande e bem equipada no Cruzeiro, ao lado do Setor Sudoeste.

A Cúria Metropolitana foi instalada em três casas também da 707, mantidas até hoje como moradia de Dom José Newton de Almeida Batista. Ele foi o primeiro arcebispo de Brasília e chegou na quadra na época da inauguração da cidade.

Por muitos anos a Cúria se manteve ali, até ser transferida para a sede atual na quadra 601 Sul. Dom José Newton permaneceu como arcebispo até ser substituído por Dom Geraldo do Espírito Santo Ávila. “Estou aqui desde a criação da Diocese”, reforça ele. Atualmente, o cardeal arcebispo de Brasília é Dom José Freire Falcão. Simpático e bem disposto, apesar dos 94 anos de vida, Dom José Newton ainda costuma passear pela quadra onde vive há tantos anos.

As quadras 707 e 708, no entanto, mudaram bastante ao longo dos anos. As casas originais pra-



As mudanças no visual das casas não conseguiram mudar o aspecto bucólico do local

ticamente não existem mais. Com o passar dos anos, os moradores foram autorizados, paulatinamente, a fazer ampliações — construir muros e garagens, colocar grades e portões.

Primeiro, ganharam espaço nos fundos, onde hoje são as garagens. Em algumas casas foi possível construir até uma sala ou copa na área liberada. Mais tarde as residências cresceram para cima, ganhando um segundo andar, mais quartos e, em alguns casos, até terraços.

Uma característica comum às casas das quadras 700 é o uso dos fundos das residências como passagem principal. Como os blocos foram construídos com a frente das casas dando para uma área verde, o acesso pela rua, onde são estacionados os automóveis, é muito mais utilizado pelos moradores e até visitantes. As áreas da frente acabam sendo pouco usadas. Os

moradores reclamam que não podem deixar uma rede ou até mesmo mesas e cadeiras nas varandas que elas acabam sendo roubadas.

Na 708, a última rua abriga quatro conjuntos — J, K, L e M — que parecem vilas. Os moradores aproveitaram a disposição diferenciada das casas para garantir maior segurança, fechando a entrada da pequena rua em frente às garagens. O trânsito interno da quadra não é prejudicado, pois a rua principal permanece livre. Em alguns dos blocos foram colocados portões e interfonos. Na parte da frente das residências o acesso é livre, assim como a área verde entre elas.

Tirando os problemas das drogas, os moradores dizem que não têm do que reclamar. Moradora há 18 anos da 708, Doris Cavalcanti, diz que são poucos os casos de assaltos nas residências. “Ocorrem, mas não com muita frequência”, destaca.

A 708 é bem cuidada. “A gente sempre procura arrumar, chama a

Novacap e quem mais for preciso. Às vezes demoram a atender, mas sempre vêm”, afirma o prefeito, Clayton Robert de Oliveira Santos. Os moradores ganharam até um parquinho para a criançada no meio da quadra, há cerca de um ano. Na 707 as coisas são um pouco diferentes. As áreas verdes entre as residências estão um pouco abandonadas e alguns moradores reivindicam melhorias no asfalto das ruas de acesso às residências.

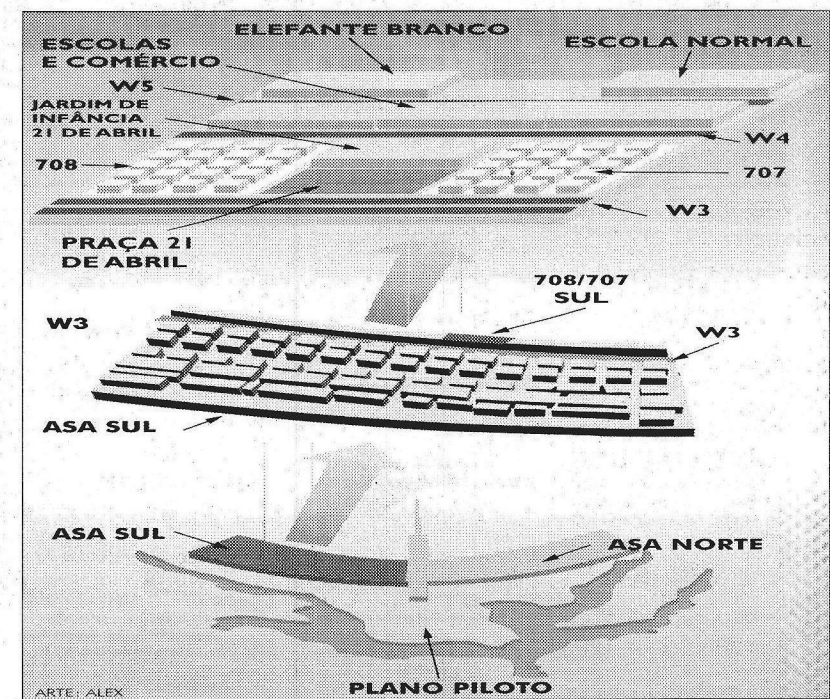
Ambas as quadras, porém, ainda não foram contaminadas pela tendência mais recente de montar pontos comerciais nas casas das 700. Quando muito, algumas casas funcionam como pensões ou abrigam entidades, como é o caso da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), que ocupa uma casa na 707. No geral, os moradores têm apenas uma grande reivindicação: maior atenção das autoridades para a Praça 21 de Abril.

NELZA CRISTINA

Repórter do JORNAL DE BRASÍLIA

RETROSPECTIVA

A Praça 21 de Abril, localizada entre as quadras 707 e 708 Sul, foi enfocada ontem, no primeiro dos cinco capítulos desta série. Uma das primeiras de Brasília, a praça hoje está abandonada. Pouco lembra dos velhos tempos em que o coreto era palco de apresentações e até uma piscina comunitária existia para alegrar os primeiros moradores. A piscina virou pista de patinação, o coreto hoje serve de abrigo para desocupados e do busto de Juscelino Kubitschek só restou o pedestal. Um destino bem melhor teve, porém, o Jardim de Infância 21 de Abril, que continua abrigando moradores da região e de outros pontos do Distrito Federal. O segundo jardim construído na cidade é um exemplo de como é possível conservar e manter os marcos iniciais de Brasília.



Memórias dos primeiros tempos

As lembranças são muitas. Quando chegou do Rio de Janeiro para morar na 707 Sul, no dia 19 de abril de 1960, o que mais marcou Lucília R. L. de Medeiros foi o barro forte que cercava toda a casa. “Era tudo um barro doído. Parecia talco. A perna afundava quase até o joelho”, relembra.

Ela tinha apenas 24 anos. Veio acompanhando o marido, Renato Medeiros, que trabalhava no Senado. “Cheguei toda arrumada, com três filhos a tiracolo e, de repente, me deparei com o barro”, conta Lucília, que hoje está com 64 anos. Incomodada com a terra vermelha, ela não titubeou e resolveu lavar a casa, jogando água de ponta a ponta. Resultado: o assoalho estragou e ela teve que recorrer ao Grupo de Trabalho (encarregado da distribuição das casas para cada órgão) e pedir para trocar os tacos.

“As crianças sofriam. Os braços ressecavam e rachavam e

quando vinham os redemoinhos o barro entranhava nas rachaduras. Não tinha como limpar”, recorda.

As casas, relembra Lucília, “eram péssimas”. Segundo ela, quase ninguém aproveitou muito do original: “A maioria colocou tudo abaixo e reconstruiu”. Não havia, no começo, lugar para compras, nem mesmo de alimentos. “O Senado e outros órgãos colocavam um ônibus para levar a gente até a Cidade Livre (Núcleo Bandeirante). Lá a gente encontrava verdura, legumes e carne”.

As dificuldades, Lucília não esquece, eram muitas, ainda mais quando chegaram os outros três filhos. Mas ela não esconde um certo saudosismo. “Tudo que veio do começo foi acabando e Brasília ficou descaracterizada. Quem chega agora esquece dos que vieram primeiro e de tudo que sofreram para construir essa cidade”, avalia, sem disfarçar uma certa mágoa. (N.C.)